

# ROCHAS E CANTARIA USADAS NO BARROCO MINEIRO

Carlos Alberto Pereira e Antonio Liccardo

Dentre as antigas vilas do ouro do século XVIII, cuja arquitetura é marcada pela presença da cantaria, estão Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei. A primeira delas se destaca pela quantidade e qualidade de suas obras. Em substituição ao lioz, rocha carbonática de origem portuguesa, a cantaria ouropretana ganhou formas, cores e texturas, com o emprego do quartzito, conhecido no período por itacolomito. Secundariamente outras rochas também tiveram aplicação, como o quartzito-clorita-xisto, que está presente, particularmente, nas obras arrematadas por José Pereira Arouca, em Mariana, e a pedra-sabão, imortalizada pelas hábeis mãos de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.



Portada da Igreja Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, em quartzito e pedra-sabão, talhada por Aleijadinho.



Portada da Igreja Nossa Senhora do Carmo em São João del Rei, em quartzito e pedra-sabão.

Em Ouro Preto o uso e a disseminação de rochas nas construções públicas, religiosas e civis, como parte estrutural ou ornamental, caminhou em concomitância com a consolidação do núcleo urbano de Vila Rica, principalmente por meio do fortalecimento da presença administrativa da Coroa. As primeiras obras de vulto feitas de pedra de que se tem notícia são o Palácio Velho no Morro da Encardideira, também chamado de Henrique Lopes, e o Palácio dos Governadores construído no Morro de Santa Quitéria, para onde convergiam as ações do aparelho administrativo e político português.

Contraste de rochas na Igreja Matriz de Tiradentes - xisto cinza e quartzito bege avermelhado

A construção do Palácio dos Governadores, a partir de 1741, marcou a difusão do uso de rochas em Vila Rica com o emprego do quartzito do Itacolomi. Na maior parte da composição, como Cunhas, ombreiras, janelas e escadarias, foi utilizado o itacolomito róseo existente nos arredores da cidade, sendo o pórtico construído todo de mármore, extraído próximo à Capela do Padre Faria. O prédio abriga, hoje, o Museu de Ciência e Técnica de Ouro Preto. Existem diferenças marcantes entre as cantarias do palácio, em vista de não ter sido o conjunto construído na mesma época, sofrendo modificações ao longo de quarenta anos. Assim, a cantaria feita na época da construção - portais, janelas, escadas internas, etc. - tem acabamento mais rústico e sua rocha apresenta textura muito grosseira. Já a cantaria construída nos anos seguintes apresenta uma rocha com granulação média e, como consequência, acabamento mais refinado, facilmente constatável na escadaria externa que conduz à capela do prédio, na sineira e em outras peças.

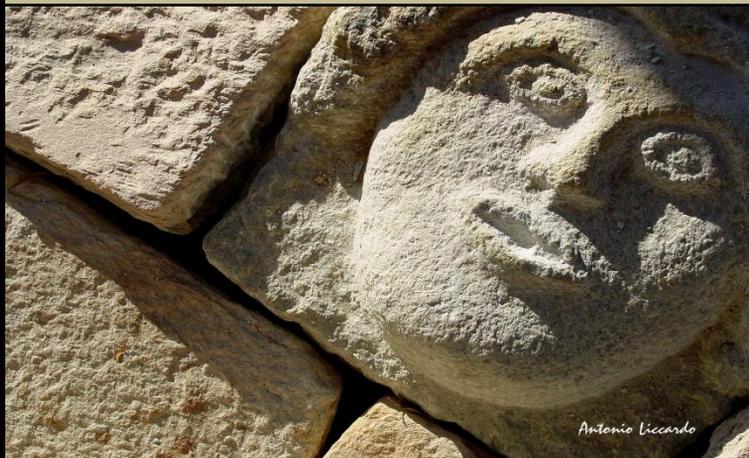
A edificação do acervo de cantaria de Ouro Preto se estendeu do século XVIII até as primeiras décadas do século XIX, com a construção das mais importantes e monumentais obras, como pontes, chafarizes, edifícios públicos, residências particulares e igrejas. Este acervo, tão rico em peças e detalhes, foi todo feito com a utilização da mão-de-obra dos escravos, grandes auxiliares dos canteiros. Os escravos eram utilizados da retirada e transporte da rocha para o local da obra até o serviço de escultura. Foi o caso, por exemplo, da antiga Casa de Câmara e Cadeia da Vila, onde funciona, atualmente, o Museu da Inconfidência, construída a partir de 1784.



Antonio Liccardo

Entre as rochas utilizadas, a mais importante é o quartzito, que é uma rocha metamórfica composta essencialmente de quartzo, produto de metamorfismo intenso de arenito e extremamente abundante na região de Ouro Preto e mesmo nas outras cidades mencionadas.. Nas construções antigas destacam-se dois tipos utilizados na cidade: quartzito da Serra de Ouro Preto, empregado para construção de muros e pisos; quartzito do Itacolomi, empregado na construção de pontes, portais, púlpitos, cruz, carrancas e pinhas. O primeiro é caracterizado pelo desenvolvimento de uma xistosidade, ou orientação dos minerais dentro da rocha. Esta estrutura é própria das rochas metamórficas e neste caso é resultante da orientação mais ou menos paralela de cristais de sericita. Este quartzito possui cor que varia de esbranquiçado e amarelado a rosado (rara) com cristais de quartzo de granulometria fina. O quartzito do Itacolomi apresenta percentual de quartzo que varia de 95 a 71% e minerais acessórios, como sericita, limonita, hematita e magnetita. A maior ou menor presença dos minerais acessórios resulta nas diversas cores da rocha. Um exemplo é o Museu da Inconfidência, cuja cantaria externa apresenta cor avermelhada em função da presença de minerais de óxido de ferro.

Outro aspecto importante a ser observado na seleção do quartzito usado na cantaria é a granulação dos minerais, que varia de média a fina sem xistosidade. A presença de minerais de granulagem mais fina permite um trabalho com melhor acabamento, como é o caso dos portais da Igreja do Carmo e da Casa dos Contos. A porosidade da rocha afeta a dureza e conseqüentemente a durabilidade da obra realizada, portanto rochas com percentuais mais elevados de quartzo apresentam porosidade menor. O quartzito de maior durabilidade possui granulagem mais fina e uniforme.



Antonio Liccardo

Chafariz em quartzito construído por Mestre Juca, na oficina de cantaria de Ouro Preto.

Além do quartzito, outra rocha utilizada em vários monumentos é o xisto de coloração cinza-esverdeada. Trata-se de uma rocha metamórfica acentuadamente foliada, composta predominantemente de micas orientadas (biotita, muscovita, clorita, sericita, etc.) e de quartzo, em menor proporção. Pode haver transições entre o quartzo-xisto e um quartzito-micáceo, sem perfeita definição de ambos.

Material rochoso também importante na arquitetura de Ouro Preto é denominado canga. A primeira obra construída com canga e quartzito foi o Palácio Velho. A canga é um solo endurecido encontrado ao longo das encostas de Ouro Preto. Canga (do tupi tapinho-a-canga) é muito utilizada na construção de muros, pois, com a ação das intempéries, a oxidação do material ferruginoso dá origem a um cimento que cola um fragmento e bloco no outro. O monumento mais importante de canga é o Chafariz em Canga, na casa que pertenceu ao inconfidente Antonio Vieira da Cruz.



Antonio Liccardo

Quartzito utilizado na construção do Palácio do Governador, atual Museu de Ciência e Técnica de Ouro Preto. À direita detalhe do chafariz de São José, em Tiradentes e a plasticidade da pedra-sabão em contraste com o quartzito, na obra de Aleijadinho na Igreja do Carmo em Ouro Preto.



Antonio Liccardo



Antonio Liccardo

Papel de destaque no entalhe e na composição de fachadas, e nos inúmeros detalhes estruturais, cabe à pedra-sabão ou esteatito. Aliada às outras rochas, é responsável pela suavidade das curvas e pela textura refinada de vários monumentos do barroco mineiro. Ouro Preto apresenta grande produção de obras desse material, havendo também aplicações quase industriais, como pisos ou lajeiras. A pedra-sabão é uma rocha metamórfica composta por talco, clorita, dolomita e anfibólios. Apresenta vários minerais acessórios como a pirita (ouro de tolo), magnetita, hematita, epidoto, titanita e ilmenita. A pedra-sabão associada à clorita resulta numa cor esverdeada e em maior dureza. Apresenta, em geral, uma alta resistência ao choque térmico, tem brilho característico, alto poder de lubrificação, baixo teor de umidade, baixa condutividade térmica e elétrica, sendo inerte quimicamente. As cores variam do castanho claro ao cinza esverdeado, de acordo com a predominância dos minerais. As principais características da rocha são o aspecto untuoso ao tato e a baixa dureza (pode ser riscada pela unha). Na região de Ouro Preto e Mariana destacam-se as ocorrências de pedra-sabão de Santa Rita e Cachoeira do Brumado, com produção bastante acentuada. Percebe-se nas obras de Aleijadinho um perfeito jogo de cores que utiliza o quartzito e a pedra-sabão. Na Igreja das Mercês destacam-se, no frontispício, diversas tonalidades de pedra-sabão formando um conjunto harmônico.

Sendo o conjunto histórico-arquitetônico do barroco de Minas Gerais um dos principais destinos do turismo cultural no Brasil, a informação sobre as rochas que compõem este conjunto pode se tornar parte do atrativo. As rochas e a técnica utilizada refletem a cultura colonial e seu estudo representa uma agregação de valor ao barroco em que se apóia o turismo.

**SOBRE OS AUTORES:** Carlos Alberto Pereira é professor na Escola de Minas de Ouro Preto e coordenador do projeto Cantaria em MG. Antonio Liccardo é professor na Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. Ambos são autores do livro Arte da Cantaria.